

## AS ARTES PLÁSTICAS EM BELO HORIZONTE, DE 1918-1944: ANÍBAL MATTOS E SEU TEMPO

Fabrize Santos Pousa  
fabrizepousa@yahoo.com.br

### Introdução:

O interesse em estudar a arte produzida no início do século XX, aliado ao desejo de conhecer mais sobre a produção artística em Belo Horizonte levou-me a elaborar este estudo.

A produção historiográfica a respeito da produção artística no Brasil tem sido exaustivamente escrita a partir do marco da Semana de Arte Moderna de 1922 ocorrida em São Paulo. No entanto, a história da arte, e em especial a da arte mineira, vem sendo abstraída do contexto geral e particularizada em excesso, criando-se uma situação a parte dos acontecimentos históricos. Ela é estudada quase sempre isoladamente, sem nenhuma análise profunda e que fundamente os seus pressupostos artísticos ou que a relacione com seu contexto histórico do qual se insere a sua realidade.

É nesse sentido que exploramos neste artigo o estudo da atividade artística no período compreendido entre os anos de 1918 e 1944 em Belo Horizonte. Estes anos antecedem e, de certa forma, determinam e explicam certas especificidades do período em Belo Horizonte que habitualmente é considerado pela historiografia do assunto como a efetivação do Modernismo nas artes plásticas produzidas na capital mineira a partir da vinda de Alberto da Veiga Guignard (1896-1962) para a cidade em 1944. Tendo em vista a defasagem de trabalhos que abordem este período proposto, a cultura artística do belo-horizontino deste período foi tratada até agora, com raras exceções, de maneira pré-conceituosa e pouco esclarecedora sobre o ambiente artístico. Objetivamos, portanto, além de revisar a produção historiográfica referente ao tema, traçar o ambiente das artes-plásticas da época, pois consideramos importante como processo de um movimento histórico – o modernismo.

Delimitamos o período a ser analisado a partir de 1918, data da criação da Sociedade Mineira de Belas Artes por Aníbal Mattos (1889-1969)<sup>1</sup>, até 1944, quando Guignard chegou a Belo Horizonte e fundou o Instituto de Belas Artes<sup>2</sup> e quando também aconteceu a Exposição de Arte Moderna de Belo Horizonte.

---

<sup>1</sup> AYALA, Walmir. *Dicionário de Pintores Brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Spala, s/d.

<sup>2</sup>VIEIRA, Ivone Luiza et al. *A Escola Guignard na Cultura Modernista da Minas Gerais: 1944-1962*. op. cit.

Consultamos também bibliografia sobre o assunto no que se refere à história da arte no Brasil nestes anos de 1920 até 1940, bem como sobre a arte e literatura mineira, obras publicadas no período analisado, por escritores e artistas de influência modernistas ou por outros que não manifestavam esta tendência.

Como suporte teórico, usaremos alguns conceitos formulados por teóricos e filósofos da arte sobre a idéia de arte moderna e modernismo que se ajustam à nossa problemática e conseqüentes hipóteses. São eles: Krishan Kumar e Nikos Stangos. De forma geral, estes autores trabalham com o aspecto histórico de construção destes conceitos. Considerando o contexto temporal, eles apontam os elementos que possibilitam esta construção conceitual sobre a arte moderna. Isso será de fundamental importância para a formulação de um conceito de arte moderna que possa ser utilizada para o nosso foco de estudo.

Não é pretensão nossa esgotar ou solucionar a questão, mas ampliar o debate acerca deste problema, levantando hipóteses no decorrer do texto. Procuraremos identificar o ambiente artístico e a formação de uma mentalidade artística a partir da produção artística de Aníbal Mattos, sem negar seu contexto histórico geral, inclusive de fomentação do Movimento Modernista tanto no país como em Belo Horizonte.

### **Apontamentos para um conceito de arte moderna e de modernismo**

O primeiro passo para a discussão desta temática é elucidarmos o conceito de arte moderna, considerando suas possibilidades de utilização, para o âmbito da produção das artes plásticas em Belo Horizonte nos anos de 1918 a 1944. É relevante a formulação de um conceito próprio e aplicável a este contexto, uma vez que desde as primeiras décadas do século XX, tanto na Europa como nos centros urbanos do Brasil, que já estava posta a discussão acerca da produção artística de ruptura tanto no aspecto estético neoclassicista como de ruptura com a ordem social vigente. Também em Belo Horizonte, este debate dos modernistas, de renovação da produção artística, estava em pauta nos meios intelectuais e artísticos. Sendo que desde os primeiros anos da capital, fundada em 1897, já se tratava da voga modernista nas artes. O que buscamos com o estudo destes teóricos é a construção de um conceito de arte moderna adequado à realidade que se fez na produção artística em Belo Horizonte nestes anos. Além de possibilitar subsídios para compreender a obra de Aníbal Mattos como moderna ao seu tempo.

Krishan Kumar, em 1997, buscando explicações para entendimento da pós-modernidade elaborou um trabalho que aglutinou referências esclarecedoras sobre assunto. Para tanto, fez um retrospecto reflexivo acerca dos conceitos

construídos historicamente sobre a idéia de modernidade e de modernismo, em especial no tocante a “a cultura da modernidade foi, desde o início, subversiva a idéia de modernidade”<sup>3</sup>.

Soubirats escreve que

“A idéia de modernidade surge ao mesmo tempo em que a de progresso está indissoluvelmente unida a ela. Já desde um ponto de vista semântico o moderno identifica-se com o novo e pressupõe, com este, crítica, renovação e mudança. A Modernidade é uma idade histórica de transformações e rompimentos; é consubstancial com a crise. Modernidade, crise e progresso são termos de equação que distingue nosso tempo”.<sup>4</sup>

O conceito de modernidade, em geral, é concebido de forma aberta e significando renovação e questionamento das coisas e das idéias, na eterna rejeição ao passado. Progresso e história, liberdade e razão, ciência e revolução, desenvolvimento da tecnologia e industrialização são os termos cunhados nas teorias de modernidade do século XVIII e XIX. Cristalizados no tempo e no seio da sociedade, eles serão o objetivo contestatório das idéias modernistas, numa total rejeição passional e criativa de repulsa ao processo de embrutecimento do ser humano. Esta situação ambígua do progresso material e a conseqüente crise do homem levaram, de um lado, a exaltação da modernidade e por outro a sua negação. O modernismo traduziu-se na insatisfação, manifestou-se na ordem do imaterial e da estética, celebrava as transformações materiais oriundas progresso, mas denunciavam as do espírito.

No decorrer do século XIX a crítica cultural à modernidade intensificou-se e, aparentemente, a falta de esperança cedeu lugar ao niilismo. Era melancólico o que estes homens sensíveis ao seu tempo diziam em suas obras de arte. Refletiam, claramente, sobre o que eles consideravam causa perdida. A descrença e o desespero assumiam na vida prática hábitos pouco ortodoxos como alcoolismo, drogas, e novas experiências sexuais. Isso é possível de ser visto na produção artística a partir de experimentos com novos estilos e novos temas. Os pintores impressionistas criam a estética da ruptura e a libertação da subjetividade. Podem expressar este ambiente degenerado e desiludido, pois estes se comportam como “*gauche*” da crônica da vida *fin-de-siècle*.<sup>5</sup> O ataque à razão, característica central da cultura da modernidade, aprofundou-se ainda mais com as teorias de Freud sobre o inconsciente e a irracionalidade.

Num livro de 1991, encontramos a arte produzida no século XX conceituada e trabalhada a partir de cada uma de suas tendências. Segundo o autor deste livro, Nikos Stangos, o questionamento e a rejeição ao passado represen-

---

<sup>3</sup> KUMAR, Krishan. *Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 97.

<sup>4</sup> SOUBIRATS, Eduardo. *Da vanguarda ao pós-moderno*. São Paulo: Nobel, 1986.

<sup>5</sup> WEBER, Eugen. *França: Fin-de-Siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 356p.

taram uma verdadeira revolução artística perceptível principalmente nas artes visuais.

*“Aquilo a que chamou genericamente de arte moderna, refletindo outras atitudes análogas na sociedade, tornou-se uma força libertadora explosiva no início do século, contra a opressão de pressupostos com frequência cegamente aceitos até então”.*<sup>6</sup>

Para Lefebvre, o *“Modernismo é a consciência que tomaram de si mesmas as épocas, os períodos, as gerações sucessivas; o Modernismo consiste, pois, em fenômeno de consciência em imagem e projeções de si”*.<sup>7</sup>

De modo geral, o que marca o espírito da arte moderna é o desejo de libertar-se das amarras do passado. A produção artística busca uma nova forma de expressão em concordância com a mentalidade do século XX, tanto na temática como no estilo. Os artistas desejavam uma expressão que pudesse interpretar suas almas atordoadas pelo materialismo do mercado de artes e pelo advento da industrialização. Por isso, motivos materialistas e espirituais, científicos e poéticos mesclam-se nas correntes modernistas. Por volta de 1910, a atenção nas inovações da industrialização perde sua força e cede lugar às transformações ocorridas dentro da estrutura da vida social, formar-se-ão as *vanguardas* de renovação artística dentro do próprio movimento modernista.<sup>8</sup>

### **A arte em Belo Horizonte, 1918 - 1944: questão aberta sobre a arte moderna**

A trajetória da produção artística em Belo Horizonte poderia ser pensada a partir de dois aspectos conflituosos. O primeiro é a existência de uma escola superior de belas artes desde os vinte primeiros anos da capital, a Escola de Belas Artes, fundada por Aníbal Mattos e o segundo é a criação do Instituto de Belas Artes, dirigido por Guignard, vinte anos depois, em 1944, o ponto máximo da voga modernista na cidade.

Configura-se em Belo Horizonte, nos primeiros anos desde a sua fundação, um quadro cultural de debate acerca do Modernismo, como ocorria no contexto nacional e internacional. Marcelina das Graças de Almeida e Ivone Luiza Vieira argumentam que desde seu projeto inicial, a cidade nascia sob o signo da modernidade,<sup>9</sup> cujo pressuposto era a negação da ordem precedente e tornar-se símbolo da Era Republicana. A modernidade vinha no bojo das

---

<sup>6</sup> STANGOS, Nikos. *Conceitos de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p. 7.

<sup>7</sup> LEFEBVRE, Henri. *Introdução à Modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

<sup>8</sup> ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 709p. P. 185.

<sup>9</sup> Cf.: ALMEIDA, Marcelina das Graças. Belo Horizonte, arraial e metrópole: memória das artes plásticas na capital mineira e VIEIRA, Ivone Luiza. Emergência do modernismo. In: RIBEIRO, Marília Andrés (org.) et al. *Um século de história das artes plásticas em Belo Horizonte*. op. cit.

transformações no espaço urbano reordenado em função da ascensão burguesa e da industrialização.<sup>10</sup>

Nos primeiros vinte anos da capital, a produção artística e cultural esteve ligada aos trabalhos da Comissão Construtora. Vinham trabalhadores de várias localidades, inclusive estrangeiros, principalmente italianos. Eram artesãos, entalhadores, engenheiros, arquitetos, escultores, pintores e fotógrafos.<sup>11</sup> Os primeiros trabalhos artísticos que acontecem na capital são de Émile Rouède (1850-1912) e de Honório Esteves (1860-1933), que registravam aspectos do cotidiano do arraial que em breve desapareceria.

Avaliando a pesquisa sobre as artes-plásticas em Minas Gerais, percebemos que há períodos congestionados e graves lacunas na historiografia do assunto. No primeiro campo estaria o Barroco e o modernismo; no segundo, as primeiras décadas do século XX. Em Belo Horizonte, este período que delimitamos para o nosso trabalho, 1918 – 1944, está ofuscado pela extensa pesquisa sobre a atuação de Guignard na cidade. Sem retirar-lhes sua importância, mas estes estudos não olham para outros lados e deixam lacunas na história. Uma revisão é necessária para detectarmos o estado desta questão na produção historiográfica.

Iniciaremos com a discussão proposta por Fernando Correia Dias em seu livro sobre a literatura produzida na capital nos anos de 1920 e 1930<sup>12</sup>, *O Movimento Modernista em Minas: uma interpretação sociológica*. Afinal, sua opinião é compartilhada por diversos autores que escreveram *a posteriori*. Ao tratar do aspecto da literatura modernista que surgia na cidade ele levanta uma indagação a respeito das artes plásticas

*“Se as duas manifestações do movimento modernista - a de São Paulo e a de Minas – são praticamente contemporâneas, e com alguns pontos em comum, pode-se perguntar por que motivos não ocorreram em Minas expressões artísticas no campo plástico e musical, ao contrário do que acontece no ambiente paulista?”.*<sup>13</sup>

Ele aponta como hipótese para a questão que São Paulo já possuía uma tradição das artes plásticas e um ambiente cosmopolita nos meios intelectuais que mantinham contato com o que havia de novas informações sobre a plástica que fervilhavam na Europa. E logo continua afirmando do desenvolvimento

---

<sup>10</sup> Cf.: BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*.

<sup>11</sup> SALGUEIRO, Heliana. O ecletismo em Minas Gerais: Belo Horizonte. In.: FABRIS, Annateresa. *Ecletismo na arquitetura brasileira*. p.116-117.

<sup>12</sup> Referências bibliográficas para o estudo da Literatura em Minas Gerais nos anos de 1920-1930. Temos: DIAS, Fernando Correia. *O Movimento Modernista em Minas Gerais, uma interpretação sociológica*. Brasília: Editora da UnB, 1971. BUENO, Antônio Sérgio. *Modernismo em Belo Horizonte: Década de 20*. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1982.

<sup>13</sup> DIAS, Fernando Correia et al. *O Movimento Modernista em Minas Gerais, uma interpretação sociológica*. op. cit.

econômico e social que passava São Paulo e, disse o próprio Dias “*Minas era bastante provinciana na década de 20*”.

A Cristina Ávila no artigo *Modernismo em Minas Literatura e artes plásticas: um paradoxo, uma questão em aberto* praticamente compartilha com a opinião de Dias e afirma que as artes em Belo Horizonte vivem um paradoxo, pois enquanto a literatura se renova e moderniza concernente ao momento criativo do restante do Brasil, que se traduziram no modernismo, as artes plásticas ficam estagnadas no tempo, acomodadas em uma atmosfera de academicismos não ultrapassando sequer a “revolução impressionista”.<sup>14</sup>

A historiadora menciona que somente a exposição modernista de Zina Aita, em 1920, como o único acontecimento de relevância nas artes-plásticas em Belo Horizonte. Afirma também que somente a partir de 1940 com as realizações da Prefeitura de Juscelino Kubistchek que a plástica teria feições de modernas. A autora considera que a Sociedade Mineira de Belas Artes e seu diretor Aníbal Mattos como os responsáveis pelo atraso nas artes plásticas apontadas como atreladas ao conservadorismo dos cânones acadêmicos influenciados por Aníbal Mattos. Porém, respalda este artista como responsável pela agitação cultural na capital.

Ivone Luiza Vieira afirma que o academicismo que havia contaminado as artes plásticas em Belo Horizonte é sinal de estagnação no tempo. Ela busca na exceção dos modernistas atuantes na capital o desenvolvimento das artes plásticas na cidade, mas em função disso, deixa lacunas a ser pesquisadas sobre a produção artística da Escola de Aníbal de Mattos, e também da atuação deste artista.

*“Os modernistas das décadas de 1920 e 1930 em Belo Horizonte propiciaram mudanças e abriram caminhos para a modernidade dos anos de 1940. Deram início à superação do academicismo alienado do cotidiano da cidade”*.<sup>15</sup>

É de valor para nosso artigo o trabalho desenvolvido por Ivone Luiza Vieira no tocante a emergência do Movimento Modernista em Belo Horizonte nos anos de 1930 e 1940. Ela afirma que

*“A emergência dos modernistas e sua pressão para a abertura de espaços na vida cultural e artística da cidade marca o início dos conflitos e a inserção transformadora, consciente, dos artistas, enquanto sujeitos históricos dessa mudança”*<sup>16</sup>.

As inovações do trabalho desta pesquisadora são muitas. Ela registrou artistas e eventos até então esquecidos por nossa história, como também reno-

---

<sup>14</sup> SANTOS, Cristina Ávila et al. *Modernismo em Minas Literatura e artes plásticas: um paradoxo e uma questão em aberto. Análise e Conjuntura*. op. cit. p. 174.

<sup>15</sup> VIEIRA, Ivone Luiza. *Emergência do Modernismo*. In. RIBEIRO, Marília Andrés (org.) et al. *Um século de história das artes plásticas em Belo Horizonte*. op. cit.

<sup>16</sup> VIEIRA, Ivone Luiza et al. *A Escola Guignard na Cultura Modernista de Minas Gerais: 1944-1962*. op. cit.

vou a discussão e transferiu o marco do Movimento Modernista na capital para a realização da Exposição de Bar Brasil de 1936. Mas assim como fez Cristina Ávila, Ivone Luiza Vieira também acusa a Sociedade de Belas Artes e o seu diretor, Aníbal Mattos como os responsáveis pelo atraso nas artes plásticas em relação aos acontecimentos de São Paulo.

Sendo assim, nossa pesquisa mostra que há uma habitual análise sobre os aspectos das artes plásticas na cidade como sendo atrasados por influência de Aníbal Mattos, mas em nenhum destes trabalhos pesquisados fundamenta argumentos satisfatórios que comprovem suas afirmações. Ambas as autoras rotulam o ensino de artes como acadêmico, mas não explica a ação do mesmo, tão pouco sua historicidade. Observamos nestes trabalhos até aqui analisados e citados uma grande resistência, por parte dos pesquisadores de trabalhar com outras manifestações artísticas que fogem dos moldes do Modernismo, apresentam-se muito mais avaliativos a partir de referências externas que propriamente um resgate histórico e explicativo do mesmo.

Para compreender o meio artístico em Belo Horizonte nos anos de 1920 até 1944, faz-se importante, resgatar os trabalhos de Aníbal Mattos na cidade em favor da cultura artística.

A partir da segunda metade da década de 1910, o panorama das artes plásticas na capital mineira irá modificar-se significativamente com a presença de Aníbal Mattos. Nascido em Vassouras (RJ) em 1889, estudou na Escola Nacional de Belas Artes, sob a orientação de Batista da Costa e Zeferino da Costa<sup>17</sup>. Sua atuação na capital mineira dinamizou o meio das artes plásticas, organizando exposições e eventos culturais como os Salões do Conselho Deliberativo, quando aconteceu sua primeira aparição. Em 1918, ele funda a Sociedade Mineira de Belas Artes, que posteriormente daria as bases para a fundação da Escola de Belas Artes<sup>18</sup>, fatores que contribuíam para a revitalização cultural da cidade. Marcelina das Graças de Almeida, aponta a modernidade nos trabalhos artísticos de Aníbal Mattos a partir de seu contato com George Grimm.<sup>19</sup> E ainda discutem acerca da modernidade em suas obras de arte alegando que

---

<sup>17</sup>Cf. MATTOS, Aníbal. *Aníbal Mattos e seu tempo*. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte - Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

<sup>18</sup>AYALA, Waldir. *Dicionário de pintores brasileiros*. p.67

<sup>19</sup> Este artista atuou no Brasil como professor de artes plásticas no Rio de Janeiro do final do século XIX e foi responsável por determinadas mudanças na concepção de artes no Brasil. Cf.: LEVY, Carlos Roberto Maciel. *O grupo Grimm: paisagismo brasileiro do século XIX*, p.20.

“Ainda que, em diversos momentos, sua obra tenha sido vista por historiadores e críticos de arte como acadêmica e pautada em elementos tradicionais, é preciso reconhecer que as artes no Brasil, especialmente no início do século, tiveram dificuldade de renovar-se e adaptar-se às novas tendências estéticas da vanguarda européia”.<sup>20</sup>

Eduardo Frieiro escreveu sobre Aníbal Mattos em 1926 que

“A arte em Belo Horizonte não lhe deve pequenos serviços. Realizando e promovendo sucessivas exposições, próprias e alheias, habitando o público a visitá-las, contribuindo assim para educar-lhes o gosto; encaminhando neophyts, encorajando iniciados; ventilando pela imprensa questões de arte – não há em Belo Horizonte iniciativa de caráter artístico que não tenha no Sr. Aníbal Mattos o seu principal propugnador”.<sup>21</sup>

Caminhando nesta direção de Eduardo Frieiro, voltamos a citar Cristina Ávila. Numa entrevista a um jornal da capital, em 1991, ao se referir a Aníbal Mattos nos diz do seu significativo papel para a cultura belo-horizontina. Nas palavras dela “a importância dele para o contexto artístico mineiro é incontestável. Mais do que fluminense radicado em Minas, Aníbal Mattos é um mineiro por opção, é paisagista da nossa natureza, o núcleo pioneiro da atividade artística da nova Capital”.<sup>22</sup> Nestas palavras, ela, agora, respalda Aníbal Mattos na cultura da cidade. Ela está atenta para o empenho do artista em movimentar os acontecimentos culturais.

São relevantes para esta discussão os artigos de autoria de Fernando Pedro Silva “Aspectos da arte em Belo Horizonte nos anos de 20 e 30”<sup>23</sup> e “Resgatando a modernidade na pintura de Aníbal Mattos”<sup>24</sup>, de onde podemos ter uma visão do que foi a atuação de Aníbal Mattos na cidade. Ele organizou além de diversas exposições individuais de artistas, como também coletivas e salões de arte. Em 1918, junto a Oswaldo de Araújo, de Eduardo Frieiro, dentre outros, funda a Sociedade Mineira de Belas Artes que tinha o objetivo de fomentar as exposições Anuais de Belas Artes – que merecem destaque foram a de Zina Aita em 1920, logo que esta artista retornou de seus estudos na Europa, o Salão Feminino de Belas Artes e a primeira exposição de artistas mineiros em São Paulo, em 1933. No campo pedagógico de ensino de artes, a Sociedade tinha o intuito de promover cursos de ensino profissionalizante de artes na capital e o fez durante quatro anos. Foi a Sociedade de Belas Artes que deu as bases para a Escola de Belas Artes na década de 1920.

<sup>20</sup> Cf.: ALMEIDA, Marcelina das Graças. Belo Horizonte, arraial e metrópole: memória das artes plásticas na capital mineira. In. RIBEIRO, Marília Andrés (org.) et al. *Um século de história das artes plásticas em Belo Horizonte*. op. cit.

<sup>21</sup> FRIEIRO, Eduardo. As artes em Minas. In. SILVEIRA, Victor (org). *Minas Geraes em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

<sup>22</sup> SANTOS, Cristina Ávila. Entrevista ao Jornal Estado de Minas de 10/09/1991. Referente à exposição comemorativa “Aníbal Mattos e seu tempo” que ocorreu no mesmo ano.

<sup>23</sup> SILVA, Fernando Pedro. Aspectos das artes em Belo Horizonte nos anos de 20 e 30. *Revista do Departamento de História*. Belo Horizonte: CNPq; Mazza Edições; Departamento de História – FAFICH/UFMG, 1989.

<sup>24</sup> SILVA, Fernando Pedro. Resgatando a modernidade na pintura de Aníbal Mattos. *Modernidade: Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Arte*. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS; FAPERGS; CNPq, 1991.

Não foi só na organização e ensino de arte que Aníbal Mattos contribuiu para a cultura artística de Belo Horizonte. Ele também trabalhou como crítico de arte, historiador da arte (em especial sobre patrimônio barroco de Minas Gerais), roteirizou filmes produzidos na cidade e escreveu peças para teatro.

A pintura de Aníbal Mattos é a que mais nos interessa. Quanto à estética da pintura dos artistas mineiros na década de 1920 percebe-se nítida influência do estilo Impressionista. Ainda que tratem da temática de paisagismo, não podemos rotulá-lo de acadêmicos ou neoclássicos, como se têm feito.

Os pintores impressionistas do séc. XIX rejeitavam a idéia de paradigmas e moldes artísticos para a criação artística, queriam expressar os anseios do espírito, valorizam a subjetividade do artista e sua espontaneidade, deixaram de produzir em estúdio e buscaram as cores da pintura com a luz natural ao ar livre.

A pintura de Aníbal Mattos demonstra elementos deste estilo Impressionista. São, portanto, estes elementos pictóricos que conferem a ele caráter de um artista da modernidade que aproveita da influencia no uso das cores e da luminosidade, o encontro com a espontaneidade da pincelada. Aníbal Mattos se interessou pela representação sentimental do que via a sua volta em pinceladas ágeis tratando da luz e das cores. Suas paisagens não tinham o aspecto documental nem tão pouco tratava de fatos históricos. Frieiro, em ocasião da vigésima quinta exposição realizada por Aníbal Mattos escreveu o seguinte comentário “*Há na sua arte uma feliz harmonia entre o modo de ver e o de transmitir a emoção representativa dos lugares*”.

Aníbal Mattos trouxe para Minas a pintura ao ar livre, retratava o que via na natureza que o cercava e transmitia pelas suas pinceladas as sensações numa interpretação emocionada da sua realidade. Enfim, as características presentes na pintura de Aníbal Mattos nos fazem perceber sua importância para o contexto artístico, uma vez que a arte moderna estava ocupando e conquistando espaço.

## Considerações Finais

Neste artigo objetivamos traçar o contexto histórico das décadas de 1918 a 1944 para chegarmos a um entendimento do ambiente artístico em Belo Horizonte nestes anos. Para tanto pesquisamos bibliografia referente a este tema e tratamos dela de forma a possibilitar uma revisão historiográfica do assunto.

Percebemos que estudiosos do assunto tratavam as artes em Belo Horizonte nestes anos como atrasada e colocava Aníbal Mattos como o responsável por este atraso. Assim propusemos uma releitura de suas pinturas numa tentativa de desmistificar este preconceito e percebe-las em seu contexto de produção.

Observamos que o desinteresse em trabalhar com este período histórico se deve a uma comparação com modelos externos à realidade belo-horizontina. A referência, comumente, é a agitação e o dinamismo durante e após a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo e não houve uma análise que não tocasse neste modelo pré-estabelecido. A modernização nas artes plásticas em Belo Horizonte não poderia seguir regular aos que acontecia em São Paulo e nem de forma repentina. Entendemos que essas transformações são graduais e obedece a uma realidade histórica característica de cada sociedade. Aníbal Mattos, mesmo que contemporâneo aos modernistas de 1922 tinha outro projeto de modernização e renovação artística. E isso aconteceu em Belo Horizonte.

Por fim, é válido esclarecer que devido à abrangência do tema, buscamos verticaliza-lo e não pretendemos esgotar o assunto, mas levantar hipóteses que poderão ser mais bem analisadas num trabalho em elaboração. Mas concluímos que o meio das artes plásticas em Belo Horizonte nos anos de 1918 a 1944 foi bastante dinâmico e permitiu uma realidade própria e que a sua maneira possibilitou a construção de sua identidade artística.

**Fabrizo Santos Pousa.** Bacharelado e licenciatura em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Especialização em História da Cultura e da Arte na Universidade Federal de Minas Gerais. Atuando na organização do acervo de artes-plásticas da Biblioteca e Centro de Pesquisa João Etienne Filho da Fundação Clóvis Salgado em Belo Horizonte.